



**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

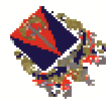
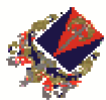
Maj Art Alexandre **COSTA SANTOS**

**A POSSIBILIDADE DE INSERÇÃO DO SEXO FEMININO,
COMO OFICIAIS DA ARMA DE ARTILHARIA, NO EXÉRCITO
BRASILEIRO**



Rio de Janeiro

2023



A possibilidade de inserção do sexo feminino, como Oficiais da Arma de Artilharia, no Exército Brasileiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase na Doutrina Militar Terrestre.

Orientador: TC Inf Orlando Mattos Sparta de Souza

Rio de Janeiro
2023

L732a Santos, Alexandre Costa

A inserção do sexo feminino, como Oficiais da Arma de Artilharia,
no Exército Brasileiro / Alexandre Costa Santos.—2023.

59f.: il. ; 30 cm.

Orientação: Orlando Mattos Sparta de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências
Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de
Janeiro, 2023.

Bibliografia: f. 43-44

1.MULHER. 2. OFICIAL. 3. ARTILHARIA. 4. EXÉRCITO
BRASILEIRO. I. Título.

CDD 355.4

A possibilidade de inserção do sexo feminino, como Oficiais da Arma de Artilharia, no Exército Brasileiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase na Doutrina Militar Terrestre.

Aprovado em 06 de outubro de 2023.

COMISSÃO AVALIADORA

ORLANDO MATTOS SPARTA DE SOUZA – TC INF – Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

JAIRO LUIZ FREMDLING FARIAS JÚNIOR – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

DAN MILLI PEREIRA – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

A minha família, Luciana e Gustavo, que me apoiaram, como sempre, para a execução desse árduo trabalho e tornaram meus dias mais felizes. A Deus pela força e fé nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, pela orientação segura e precisa nos momentos difíceis, além de tudo aquilo que ele me fez alcançar.

Aos meus amados pais, Alfranci Freitas Santos e Nara Maria Costa Santos, pela segura e precisa educação que me foi dada, assim como os valores de trabalho, respeito e dedicação, tão importantes nos momentos de luta de minha vida.

A minha amada esposa Luciana Lauthert Pereira, pelas inúmeras demonstrações de amor e paixão nestes mais de 20 anos juntos. Sem você eu sou apenas matéria! Foram dias e horas de abdicação do seu convívio familiar e da sua companhia para priorizar a execução deste trabalho ao qual tive total e irrestrito apoio, não somente como esposa mas também como revisora deste material.

A meu amado filho Gustavo Lauthert Costa Santos que estive ao meu lado, me apoiando e me fortalecendo como um exemplo para ele de estudo e dedicação. Te amo!

Ao Exército Brasileiro (EB) do Duque de Caxias que me apresentou o trabalho duro e pragmatismo cartesiano de prospecção de tarefas nas quais tive a imensa satisfação de estar, desde o nascimento, sob a ótica do meu pai, também oficial do EB.

Ao meu orientador, TC Inf Sparta, meus agradecimentos sinceros pelas orientações objetivas e diretas, além da camaradagem, disponibilidade constante e permanente para todo tipo de ajuda.

RESUMO

Em 2017, O Exército Brasileiro incorporou as mulheres pioneiras no corpo discente da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), visando prepará-las para serem Cadetes da Academia das Agulhas Negras - AMAN (em 2018), onde se formariam oficiais combatente (em 2021). Durante todo esse período, de 2017 a 2021, os cadetes são ranqueados segundo seus resultados nas provas e, no início de 2019, escolheram integrar o serviço de Intendencia ou o quadro de Material Bélico. As armas (Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações) permanecem inacessíveis para as mulheres nessa Instituição. O concurso de admissão à EsPCEEx de 2023, irá permitir que as Alunos do sexo feminino escolham a Arma de Comunicações no início de 2026, aumentando a gama de possibilidade de opção do segmento feminino dentro desse estabelecimento de ensino. Por tudo isso, o presente trabalho científico teve como propósito o estudo da viabilização da inserção das mulheres na carreira de oficial da linha bélica militar especificamente nos postos da Artilharia de Campanha do Exército Brasileiro. Nesse sentido, foi apresentada a Doutrina Militar Terrestre (DMT), incluindo as formas de emprego de arma no campo de batalha, relacionada ao tema para a sua fundamentação e o relacionamento intrínseco do tema em questão. A fim de viabilizar a consecução do objetivo geral do estudo, esse trabalho científico abordou, também, o emprego da Artilharia no conflito entre Rússia e Ucrânia. Además, utilizou-se como parametro a presença feminina nas forças armadas de outros países, como países pertencentes da OTAN, da America Latina e outros de relevância militar. A metodologia do trabalho apresentou como base a abordagem qualitativa, a partir da pesquisa bibliográfica e documental. Por fim, este trabalho científico evidenciou os possíveis efeitos da possível inserção do sexo feminino na arma de Artilharia, além de sugestões para o aperfeiçoamento do processo de escolha dessas especialidades dentro da AMAN.

Palavras-Chave: Mulheres; Oficial; Artilharia; Exército Brasileiro; Guerra Russo-ucraniana.

ABSTRACT

In 2017, the Brazilian Army incorporated pioneering women into the student body of the Army Cadet Preparatory School (EsPCEEx), aiming to prepare them to be Cadets at the Academia das Agulhas Negras - AMAN (in 2018), where they would train combat officers (in 2021). Throughout this period, from 2017 to 2021, cadets are ranked according to their results in the tests and, at the beginning of 2019, they chose to join the Quartermaster service or the War Material staff. Weapons (Infantry, Cavalry, Artillery, Engineering and Communications) remain inaccessible to women in this Institution. The 2023 EsPCEEx admission competition will allow female students to choose the Communications Weapon at the beginning of 2026, increasing the range of options for the female segment within this educational establishment. For all these reasons, the purpose of this scientific work was to study the feasibility of inserting women into careers as officers in the military military line, specifically in the positions of the Field Artillery of the Brazilian Army. In this sense, the Land Military Doctrine (DMT) was presented, including the ways of using weapons on the battlefield, related to the theme for its foundation and the intrinsic relationship of the theme in question. In order to enable the achievement of the general objective of the study, this scientific work also addressed the use of Artillery in the conflict between Russia and Ukraine. Furthermore, the female presence in the armed forces of other countries was used as a parameter, such as countries belonging to NATO, Latin America and others of military relevance. The work methodology was based on a qualitative approach, based on bibliographic and documentary research. Finally, this scientific work highlighted the possible effects of the possible inclusion of females in the Artillery weapon, as well as suggestions for improving the process of choosing these specialties within AMAN.

Keywords: Women; Official; Artillery; Brazilian Army; Russo-Ukrainian War.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	O PROBLEMA.....	11
1.2	OBJETIVOS.....	12
1.3	HIPÓTESE.....	13
1.4	VARIÁVEIS.....	13
1.5	DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	13
1.6	RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	14
2	METODOLOGIA	16
2.1	TIPO DE PESQUISA.....	16
2.2	COLETA DE DADOS.....	16
2.3	TRATAMENTO DOS DADOS.....	17
2.4	LIMITAÇÕES DO MÉTODO.....	17
3	O EMPREGO DA ARTILHARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO	18
3.1	OS TIPOS DE ARTILHARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO QUANTO A SUA NATUREZA.....	19
3.2	AS PRINCIPAIS AÇÕES, TAREFAS E LIMITAÇÕES DA ARTILHARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO.....	21
3.3	AS PRINCIPAIS MISSÕES DO OFICIAL DE ARTILHARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO.....	21
4	A PRESENÇA FEMININA NAS FORÇAS ARMADAS	26
4.1	A PRESENÇA FEMININA NAS FORÇAS ARMADAS ESTRANGEIRAS...26	
4.2	A PRESENÇA FEMININA NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS.....31	
4.3	A PRESENÇA FEMININA COMO OFICIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO.....33	
4.4	A MULHER NO CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DA LINHA DE ENSINO MILITAR BÉLICO DO EXÉRCITO BRASILEIRO.....34	
5	O EMPREGO DA ARTILHARIA NA GUERRA RUSSO-UCRANIANA	36
6	CONCLUSÃO	39
	REFERÊNCIAS	43

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga a possível inserção do sexo feminino na Arma de Artilharia e a consequente operacionalidade dos Grupos de Artilharia de Campanha. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU em sua carta das Nações Unidas, o direito a igualdade entre homens e mulheres está garantida desde o ano de sua criação, em 1945 (ONU, 1945). A ONU tratou desse tema e reforçou esse compromisso de garantia de igualdade, como destaca-se as quatro Conferências Mundiais sobre a Mulher, em 1975, 1980, 1985 e 1995 (ONU Mulheres, 2021), como pode-se perceber na Resolução nº 1325 de 2000 do Conselho de Segurança da ONU, que versou sobre a presença feminina na resolução de conflitos:

Reafirmando o importante papel das mulheres na prevenção e resolução de conflitos e na construção da paz, e acentuando a importância da sua igual participação e total envolvimento em todos os esforços para a manutenção e promoção da paz e da segurança, bem como a necessidade de aumentar o seu papel na tomada de decisões no que respeita à prevenção e resolução de conflitos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2000).

No Brasil, a presença feminina, nos campos de batalha, iniciou-se por meio de Maria Quitéria de Jesus Medeiros, que atuou como voluntária, mesmo sendo permitido a participação de mulheres em combate, para atuar na Guerra da Independência, em 1823 (MARIOTONI, 2021).

A Constituição Brasileira de 1988 assegura em seu Art 5º que : “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”. (BRASIL 1988)

Devido a isso, o Exército Brasileiro está buscando evoluir e se modernizar e consta no Manual de Doutrina Militar Terrestre (BRASIL, 2019) que deve ser constituído por homens e mulheres que cultuem princípios, valores morais e intelectuais, e sejam aptos a enfrentar os desafios em um ambiente estratégico complexo, cujos cenários evoluem rapidamente. Atualmente, o ingresso das mulheres, necessariamente voluntário, nas fileiras do Exército se faz por meio de processo seletivo para diversos cursos de carreira, ministrados em diferentes Estabelecimentos de Ensino (Estb Ens), dentre os quais estão: Escola de Sargento de Logística (EsSLog); Centro de Instrução de Aviação do Exército (CI Av Ex); Escola de Saúde do Exército (EsSEx); Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEx); Instituto Militar de Engenharia (IME); e Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx). (Revista Verde Oliva, 2017).

Os integrantes da linha combatente da Força Terrestre se dividem em especializações por Arma, Quadro ou Serviço. As Armas dividem-se em dois grupos: as Armas-Base (Infantaria e Cavalaria) e as Armas de Apoio ao Combate (Artilharia,

Engenharia e Comunicações). Quanto aos Quadros e Serviços, estão divididos em Quadro de Material Bélico e os Serviços de Intendência, Saúde, Veterinária e Assistência Religiosa (BRASIL, 2014).

As Unidades de Artilharia podem ser de Campanha ou Antiaérea. A Artilharia de Campanha (Art Cmp) é o principal meio de apoio de fogo da Força Terrestre, destruindo alvos estratégicos com precisão e letalidade. Suas Unidades podem ser dotadas de canhões, obuses, morteiros, mísseis ou foguetes. No cumprimento dessa missão, a Art Cmp, além de apoiar os elementos de manobra, realiza fogos contra a Art inimiga e dá profundidade ao combate atuando sobre reservas e instalações de comando e logísticas do inimigo. (BRASIL 2014)

A formação dos oficiais de Artilharia na AMAN é exclusivamente em sua parte de Campanha. A Antiaérea é de responsabilidade da Escola de Artilharia de Costa e Antiaerea (EsACosAAAe) de especializar os oficiais oriundos da AMAN nessa parte da Artilharia.

Segundo os estudo mais recentes produzidos sobre as tarefas e atividades desempenhadas pelas mulheres nas Forças Armadas, os homens detêm, por causa de suas diferenças hormonais e constituição física, maior força e resistência quando empregados em situações extremas de combate. (ZENO et al, 2013; COBB et al, 2003; PHILIP et al, 1998)

Em contrapartida, existem pesquisas que demonstraram experiências muito positivas no emprego da mulher em combate, produzindo vantagens na interação do homem e da mulher na tropa. (IPCFEX, 2016).

Ainda, de acordo com estudos do IPCFEx (2016) a relação da capacidade física do combatente com sua liderança perante a tropa está intimamente ligada. Ou seja, homens com maior capacidade física são capazes de suportar melhor as situações enfrentadas. (IPCFEX, 2016). O estudo abordou apenas homens, ficando a pergunta, as mulheres com desempenho físico inferior ao do homem, terão o mesmo grau de liderança com seus subordinados?

1.1 PROBLEMA

Segundo a Lei nº 9.786, de 8 de fevereiro de 1999, o Exército Brasileiro desenvolve seu ensino em quatro formas de Ensino Militar, Linhas: Bélica, Científico-Tecnológica, Saúde e Complementar. A Linha Bélica tem a missão de ministrar a qualificação constante de pessoas indispensáveis à direção, ao preparo e ao emprego da Força Terrestre (BRASIL, 1999).

Nesse contexto, a única forma de ingresso, tanto para homens como para mulheres ao Curso de Formação de Oficiais da Linha de Ensino Militar Bélico de carreira do Exército Brasileiro corresponde na aprovação desse candidato do concurso de admissão, em nível nacional, à EsPCEEx (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), que prepara o futuro cadete da Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN - (BRASIL, 2023).

Entretanto, o acesso do sexo feminino, como Aluno da EsPCEEx, só foi possível por meio da Lei nº 12.705, de 8 de agosto de 2012, viabilizando o ingresso de candidatas mulheres na Linha de Ensino Bélico, com início em 2017 (BRASIL, 2012).

Conforme o inciso 5 do artigo 150 da EB60-IR-15.001, durante a formação na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), a Cadete do sexo feminino escolherá por um dos seguintes cursos: Comunicações; Intendência ou Material Bélico. Essa escolha será subordinada ao rendimento escolar, conforme o regulamentado pelo Regimento Interno da AMAN e de acordo com os percentuais estabelecidos pelo EME. (BRASIL 2023)

Além dessas especializações, outras quatro permanecem, ainda, sem ingresso ao segmento feminino: Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia. (BRASIL 2023). Nesse sentido, o propósito desse trabalho será levantar:

- Quais serão as consequências para a operacionalidade dos Grupos de Artilharia de Campanha, diante de uma possível inserção feminina no quadro de oficiais dessa Arma?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Analisar os efeitos para a operacionalidade dos Grupos de Artilharia de Campanha, fruto de uma possível inserção do sexo feminino no quadro de oficiais dessa Arma de Apoio ao Combate.

1.2.2 Objetivos específicos

- Apresentar a Arma de Artilharia e o emprego dos Grupos de Artilharia de Campanha do Exército Brasileiro
- Apresentar as principais missões de um oficial de Artilharia do EB.

- Apresentar as experiências das diversas Forças Armadas estrangeiras que contam com a presença do sexo feminino na arma de artilharia e em outras as armas da linha de frente no combate (infantaria ou cavalaria).

- Apresentar a utilização da Artilharia de Campanha nos combates recentes e/ou modernos.

1.4 HIPÓTESE

A inserção do sexo feminino, como Oficiais da Arma de Artilharia, influenciar a operacionalidade dos Grupo de Artilharia de Campanha, e conseqüentemente, do Exército Brasileiro no cumprimento de sua missão constitucional.

1.5 VARIÁVEIS

As variáveis do presente estudo visam investigar como a possível inserção da feminina, como Oficial da Arma de Artilharia, influenciaria a operacionalidade dos Grupos de Artilharia de Campanha, e conseqüentemente, do Exército Brasileiro.

As variáveis independentes foram as pesquisas bibliográficas e documentais realizadas. Já a variável dependente será o impacto da introdução das mulheres como oficiais de Artilharia de Campanha na operacionalidade do EB.

Dessa forma, foi viável averiguar qual a atual situação das mulheres integrantes dessa arma ao redor do mundo, o seu emprego em conflitos recentes e se a introdução das mulheres, como oficiais, na Artilharia de Campanha irá ou não comprometer a operacionalidade do EB.

1.6 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Essa pesquisa analisou a inserção do sexo feminino na linha de ensino Bélico, ou seja, na parte combatente do Exército Brasileiro. Entretanto, está restrita a relatar os efeitos dessa introdução, apenas na arma de artilharia, em suas unidades de Campanha, excluindo-se a Artilharia Antiaérea, devido à

pouca experiência do autor nesse segmento dessa arma e dos oficiais desse segmento não serem formados na Academia Militar das Agulhas Negras e sim na Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea (EsACosAAe).

Além disso, restringiu-se a analisar essas repercussões, apenas para os oficiais de carreira desse Exército. Por isso, usou-se somente informações obtidas apenas na EsPCEEx e AMAN, onde são ministrados o Curso de Formação de Oficiais de carreira da linha de ensino militar bélico dessa Instituição. Excluiu-se as informações dos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) e os Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), onde são formados os oficiais temporários dessa arma.

Quanto à operacionalidade dos Grupos de Artilharia de Campanha, considerou-se somente o emprego dos mesmos, nas operações básicas de ofensiva, defensiva e de cooperação e coordenação com agências, além das operações complementares.

1.7 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Essa pesquisa objetivou pesquisar o emprego do sexo feminino na linha militar bélica na arma de Artilharia no combate moderno: um assunto complexo e atual que não se tem unanimidade, dividindo opiniões nos diversos países ao redor do mundo.

Assim, essa pesquisa é de alta relevância, pois a presença das mulheres na linha de ensino bélico da Força Terrestre Brasileira é bem recente, apenas em 2017, foi quando ingressou as primeiras mulheres em uma turma de formação de oficiais na EsPCEEx. Com isso, o referencial teórico brasileiro possui poucos estudos direcionados para o desempenho do sexo feminino nessa linha de ensino do EB, principalmente na arma de artilharia.

Nesse contexto, esse estudo se fundamentou, por colaborar com a Força Terrestre Brasileira, uma vez que apresentou as possíveis decorrências para a operacionalidade do Exército Brasileiro, diante de uma possível inserção do segmento feminino, como oficiais de artilharia. Dessa forma, alinhado com o Objetivo Estratégico do Exército número 5, que visa modernizar o SISOMT (Sistema Operacional Militar Terrestre) – Preparo e Emprego da Força Terrestre. Esse estudo poderá contribuir para assessorar o mais alto nível da Força

Terrestre, quando for preciso, definir sobre a possibilidade de expansão das especializações disponibilizadas para o segmento feminino, na linha combatente do Exército Brasileiro. (BRASIL, 2019)

Além disso, essa pesquisa se torna importante, pela especificidade de emprego da arma de artilharia, uma vez que se trata de uma Arma de Apoio ao Combate, que exige elevada capacidade, física, intelectual e psicológica, de seus participantes. Isso tudo, aumenta a relevância para a Força Terrestre se valer de estudos para o melhor emprego de seus recursos humanos em combate.

O produto desse estudo poderá cooperar com as demais Forças Singulares pois, sugeriu-se os possíveis efeitos para a operacionalidade do EB, fruto da inserção do segmento feminino na artilharia, podendo servir de suporte à decisão, para que a Força Aérea também estude a sua inserção, ou não, da participação feminina na linha de frente do combate. Ademais, poderá colaborar com os estudos da Marinha em sua decisão de introdução das mulheres em todas as suas áreas.

Contudo, com o resultado desse estudo, faltará saber se a incorporação das mulheres na arma de artilharia seria prejudicial para esse segmento, devido as dificuldades e problemas surgidos na guerra, em especial, para a sua saúde, verificando a concorrência ou não com o Objetivo Estratégico do Exército número 13 que objetiva “Fortalecer a Dimensão Humana” da Instituição. (BRASIL 2019)

Por fim, aproveitarão desta pesquisa o Estado Maior do Exército (EME), o Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX), o Comando de Operações Terrestres (COTER), a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX), os Comandantes dos Grupos de Artilharia de Campanha, assim como, o Ministério da Defesa como um todo.

2 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA

O presente estudo baseou-se em uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, uma vez que realizou uma análise de documentos, manuais de campanha, revistas, textos da internet, tudo objetivando compreender a presença do sexo feminino nas Forças Armadas estrangeiras e no Exército Brasileiro, além de conhecimentos a respeito da operacionalidade dos Grupos de Artilharia de Campanha, com a possível inserção delas nessa especialidade.

As pesquisas qualitativas ocupam-se com as particularidades da realidade que não podem ser quantificados em números ou estatísticas, focando na percepção e explicação da dinâmica das relações sociais. (GERHARDT, 2009)

Além disso, o presente estudo tem como objetivos um caráter exploratório pois, segundo Gerhardt (2009), este tipo de trabalho tem como foco fornecer aumento da familiaridade com o problema, buscando torná-lo mais compreensível. Dessa maneira, procurou-se examinar as experiências da utilização do segmento feminino em Forças Armadas de outros países, com o objetivo de expor a efetividade desse emprego para a operacionalidade dos Grupos de Artilharia de Campanha do nosso Exército.

Ademais, esse trabalho fez uma abordagem dedutiva pois, partiu-se do ponto de partida da atual presença de mulheres na arma de artilharia de outras Forças Armadas do mundo, levantando as preponderantes vantagens e desvantagens dessa utilização. Após isso, buscou-se aspectos da recente introdução da mulher na linha combatente do nosso Exército e das exigências e empregos da Artilharia no combate moderno como a Guerra Russo-ucraniana, para só depois disso, chegar em alguns levantamentos sobre a viabilidade da participação da mulher, como oficial de artilharia, no Exército Brasileiro.

2.3 COLETA DE DADOS

Nesse trabalho usou-se a técnica de documentação indireta, pois realizou-se o levantamento bibliográfico da documentação oficial que tratam do

tema, como relatórios da ONU e da OTAN e de outros países Latino-americanos e do mundo, além de leis e decretos nacionais acerca da acessibilidade das mulheres no Exército e na Marinha do Brasil, manuais de campanha da Força Terrestre, revistas científicas, artigos, teses e monografias, tudo visando embasar as ideias sobre enfoques diversos e servir de suporte para esse estudo específico.

2.4 TRATAMENTO DOS DADOS

Esse trabalho utilizou-se da investigação do conteúdo de toda a literatura encontrada para a realização do tratamento dos dados sobre a operacionalidade dos Grupos de Artilharia de Campanha e a viabilidade da introdução do sexo feminino como Oficiais de carreira dessa arma de apoio ao combate da Força Terrestre brasileira.

2.5 LIMITAÇÕES DO MÉTODO

A metodologia em questão tem restrições, pois foi alicerçada em uma pesquisa bibliográfica realizada pelo próprio autor. Dessa forma, carece de uma pesquisa mais aperfeiçoada acerca do assunto, levando em consideração que o referido estudo foi concluído em um curto espaço de tempo, pois é parte obrigatória para a conclusão de curso.

Ressalta-se as continências do próprio autor da pesquisa em manter-se imparcial sobre a interpretação dos dados, diante das experiências militares vivida ao longo dos 20 anos de carreira que possui. No entanto, admite-se que seja viável a produção de uma investigação objetiva e neutra dos fatos, permitindo atingir o objetivo final deste trabalho com sucesso.

A seguir, será examinada a operacionalidade dos Grupos Artilharia de Campanha do Exército Brasileiro diante de uma eventual introdução das mulheres, como oficial dessa Arma de Apoio ao Combate, inferindo sobre os efeitos para essa operacionalidade.

3 O EMPREGO DA ARTILHARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

“As armas, quadros e serviços são conjuntos de pessoal e meios organizados em unidades, de acordo com as suas funcionalidades, que desenvolvem atividades específicas nas operações.” (BRASIL 2019 p. 4-1)

No âmbito da Força Terrestre, as Armas dividem-se em dois tipos: as Armas-Base (que são a Infantaria e a Cavalaria) e as Armas de Apoio ao Combate (que são a Artilharia, a Engenharia e as Comunicações) (BRASIL, 2014).

Nesse sentido, a Artilharia constitui-se como uma das Armas de Apoio ao Combate, sendo o principal meio de apoio de fogo da Força Terrestre. A Artilharia de Campanha participa da Função de Combate Fogos, apoiando o Movimento e a Manobra. (BRASIL, 2019)

A missão da Artilharia de Campanha é apoiar a força pelo fogo, engajando os alvos que ameacem o êxito da operação. Para isso, realiza as seguintes atividades:

- a) apoia os elementos de manobra com fogos sobre os escalões avançados do inimigo;
- b) realiza fogos de contrabateria; e
- c) aprofunda o combate, pela aplicação de fogos sobre instalações de comando, logísticas e de comunicações, sobre reservas e outros alvos situados na zona de ação da força. (BRASIL, 2019)

As Unidades e subunidades de Artilharia são empregados, em situações de guerra e de não guerra, como parte do poder militar terrestre, executando operações ofensivas, defensivas e de cooperação e coordenação com agências. A seguir, serão definidas essas operações:

OPERAÇÕES OFENSIVAS: As operações ofensivas são essenciais para a obtenção de resultados decisivos. Expõem o atacante, exigindo superioridade de poder de combate no local selecionado para a ação. Esse fato e a necessidade de contar com forças disponíveis para aproveitar o êxito implicam aceitar riscos em outras partes não selecionadas da frente. O comandante deve ter poder relativo de combate superior em seu ataque principal, a fim de destruir o inimigo no momento e no local escolhidos.

OPERAÇÕES DEFENSIVAS: São operações realizadas para conservar a posse de uma área ou território, ou negá-los ao inimigo, e, também, garantir a integridade de uma unidade ou meio. Normalmente, neutraliza ou reduz a eficiência dos ataques inimigos sobre meios ou territórios defendidos, infligindo-lhe o máximo de desgaste e desorganização, buscando criar condições mais favoráveis para a retomada da ofensiva.

OPERAÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS: São operações executadas por elementos da F Ter em apoio aos órgãos ou instituições (governamentais ou não, militares ou civis, públicos ou privados, nacionais ou internacionais), definidos genericamente como agências. (BRASIL, 2019).

Além das operações básicas, a Artilharia de Campanha apoia as operações complementares que contribuem para a aplicação e o incremento do poder de combate. As operações complementares são as seguintes:

- a) aeromóvel;
- b) aeroterrestre;
- c) de segurança;
- d) contra forças irregulares;
- e) de dissimulação;
- f) especiais;
- g) de evacuação de não combatentes;
- h) de junção;
- i) de interdição;
- j) de transposição de curso de água;
- k) anfíbia;
- l) ribeirinha;
- m) contra desembarque anfíbio;
- n) de abertura de brecha;
- o) em área edificada;
- p) de informação; e
- q) especiais. (BRASIL 2019)

3.1 OS TIPOS DE ARTILHARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO QUANTO A SUA NATUREZA

A Artilharia classifica-se em Motorizada, Blindada, Mecanizada, Paraquedista, Aeromóvel, de Selva, de Montanha e de Mísseis e Foguetes. A seguir, serão apresentadas as diversas naturezas da Artilharia e suas principais características, conforme o Manual de Campanha “A Artilharia nas Operações”, de 2019:

ARTILHARIA MOTORIZADA: constituída pelos Grupos de Artilharia de Campanha, dotados de obuseiros e morteiros pesados autorrebocados, realizando tarefas condicionadas pela mobilidade e versatilidade, características de seu material.

ARTILHARIA BLINDADA: é constituída pelos Grupos de Artilharia de Campanha, dotados de obuseiros blindados AP sobre lagartas, com a missão de apoiar pelo fogo as operações que exigem alta mobilidade tática e relativa proteção blindada. Tarefas específicas: apoiar pelo fogo as operações que exijam alta mobilidade tática e proteção blindada; deslocar-se com rapidez, mesmo através campo; e proteger-se, de forma limitada, contra os efeitos de armas químicas, biológicas, radiológicas e nucleares.

ARTILHARIA MECANIZADA: é constituída pelos Grupos de Artilharia de Campanha, dotados de obuseiros AP sobre rodas, apta às operações que exigem alta mobilidade tática. Tarefas específicas: apoiar pelo fogo as operações que exijam alta mobilidade tática; deslocar-se com rapidez, mesmo através campo; e proteger-se, de forma limitada, contra os efeitos de armas químicas, biológicas, radiológicas e nucleares.

ARTILHARIA PARAQUEDISTA: compõe a Brigada Paraquedista, sendo dotada de obuseiros de calibre leve. Pode, ainda, ser dotada de morteiros pesados, a fim de aumentar a flexibilidade de apoio de fogo à GU aeroterrestre. Tarefas específicas: capacidade de atuar, em todo território nacional, em curto espaço de tempo; grande mobilidade e versatilidade, em função das características de seu material; e seus obuseiros de calibre leve e morteiros pesados podem ser helitransportados, aerotransportados, transportados no lombo de animais ou lançados de paraquedas como um todo ou em fardos.

ARTILHARIA AEROMÓVEL: compõe a Brigada Aeromóvel, sendo dotada de obuseiros de calibre leve. Pode, ainda, ser dotada de morteiros pesados, a fim de aumentar a flexibilidade de apoio de fogo à brigada. Tarefas específicas: atuar com mobilidade e versatilidade em função das características de seu material; e operar com obuseiros de calibre leve e morteiros pesados, que podem ser helitransportados por meios de transporte não orgânicos.

ARTILHARIA DE SELVA: constituída pelos Grupos de Artilharia de Campanha de Selva, dotados de obuseiros de calibre leve. Pode, ainda, ser dotada de morteiros pesados, a fim de aumentar a flexibilidade de apoio de fogo à brigada. Tarefas específicas: atuar com versatilidade em função das características de seu material; e operar com obuseiros e morteiros pesados, que podem ser helitransportados, aerotransportados, transportados no lombo de animais e transportados através de aquavias.

ARTILHARIA DE MONTANHA: constituída pelo Grupo de Artilharia de Campanha de Montanha, dotado de obuseiros de calibre leve. Pode, ainda, ser dotada de morteiros pesados, a fim de aumentar a flexibilidade de apoio de fogo. Tarefas específicas: atuar em ambientes característicos de montanha; operar com grande mobilidade e versatilidade em função das características de seu material; e operar com obuseiros de calibre leve e morteiros pesados, que podem ser helitransportados, aerotransportados e transportados no lombo de animais.

ARTILHARIA DE MÍSSEIS E FOGUETES: constituída pelos Grupos de Mísseis e Foguetes, dotados de lançadores de mísseis e foguetes, com a missão de realizar fogos contra alvos táticos e alvos de interesse dos níveis operacionais e estratégicos. Tarefas específicas: desencadear, em curto espaço de tempo, uma considerável massa de fogos capaz de saturar uma área, neutralizando ou destruindo alvos inimigos; entrar e sair de posição rapidamente; engajar, simultaneamente, diversos alvos, mantendo uma boa massa de fogos sobre eles; deslocar-se, com rapidez, mesmo através campo; realizar rápida ajustagem sobre alvos inopinados; operar com técnicas de direção de tiro tradicionais e/ou automatizadas (exceção do Missil Tático de Cruzeiro - MTC); operar com diferentes tipos de foguetes, possibilitando variações de alcance e calibre, de acordo com a natureza do alvo, com a sua localização e com o efeito desejado; utilizar em suas munições carga militar de emprego geral ou especial e combiná-las com diferentes tipos

de espoleta; engajar alvos estratégicos, nas primeiras fases do conflito; e alvos operacionais e táticos no desenrolar da manobra; e ser transportado nos três modais: aéreo, aquático e terrestre, graças as suas dimensões e peso. (BRASIL, 2019)

3.2 AS PRINCIPAIS AÇÕES, TAREFAS E LIMITAÇÕES DA ARTILHARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

As tarefas e ações da Artilharia de Campanha comuns são:

- a) apoiar pelo fogo as operações, no amplo espectro, em qualquer terreno e sob quaisquer condições de tempo e de visibilidade;
- b) participar de operações singulares, conjuntas ou combinadas;
- c) capacidade de atuar em todo território nacional;
- d) atuar como peça de manobra da GU, em Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO);
- e) participar de operações de Cooperação e Coordenação com Agências;
- f) participar de operações sobre a égide de organismos internacionais;
- g) emassar seus fogos sobre um ou mais alvos;
- h) concentrar unidades para proporcionar maior poder de fogo em partes importantes da frente;
- i) realizar tiros precisos sem ajustagem;
- j) realizar tiros sobre alvos desenfiaados;
- k) destruir alvos-ponto;
- l) executar tanto o tiro direto como o indireto;
- m) realizar a busca de alvos;
- n) proporcionar a iluminação do campo de batalha;
- o) realizar a saturação de área;
- p) ser empregada em operações de combate, em área edificada, particularmente, quando dotada de munição especial; e
- q) ter capacidade de atirar em 6400 milésimos. (BRASIL 2019)

Limitações específicas da Artilharia de Campanha:

- a) reduzida capacidade de autodefesa antiaérea, podendo tornar-se vulnerável à ação aérea do inimigo, particularmente, durante os deslocamentos;
- b) limitada capacidade de transporte de munição;
- c) redução do apoio de fogo, durante as mudanças de posição;
- d) eficiência reduzida, quando forçada a engajar-se no combate aproximado; e
- e) limitada capacidade de se furtar em face dos modernos meios de busca de alvos, obrigando a constantes mudanças de posição. (BRASIL 2019)

3.3 AS PRINCIPAIS MISSÕES DO OFICIAL DE ARTILHARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

A Artilharia de Campanha é estruturada de forma sistêmica, compreendendo um grupo de militares, processos e meios que integram a função de combate Fogos. A Artilharia é constituída por oito subsistemas, a

saber: Linha de Fogo; Observação; Busca de Alvos; Topografia; Meteorologia; Comunicações; Logística; Direção e Coordenação de Tiro que permitem a obtenção dos efeitos desejados sobre os alvos. (BRASIL, 2019)

O Subsistema Linha de Fogo objetiva lançar granadas, foguetes e mísseis, a fim de produzir um efeito específico, letal ou não letal, sobre alvos designados, sendo composto por meios de lançamento como canhões, morteiros, obuseiros, lançadores e artefatos cinéticos. (BRASIL, 2019)

O Subsistema Observação localiza alvos, ajusta e desencadeia os fogos com a máxima eficácia, sendo composto por postos de observação, observadores avançados, observadores aéreos e sistemas de aeronaves remotamente pilotadas (SARP). (BRASIL, 2019)

O Subsistema Busca de Alvos detecta, identifica e a localiza os alvos terrestres, permitindo serem batidos por fogos cinéticos ou não cinéticos, sendo composto por variados processos e meios, como análise de crateras, localização pelo som, análise de imagens de satélites, informes, radares, SARP, observadores aéreos, observadores avançados e postos de observação. (BRASIL, 2019)

O Subsistema Topografia procura estabelecer uma trama topográfica comum, por meio do levantamento de informações, que permitem ao sistema Artilharia executar fogos precisos, sem necessidade de ajustagem prévia, empregando equipamentos que forneçam dados com precisão, rapidez e de forma integrada com os demais subsistemas, a fim de possibilitar o desencadeamento de fogos oportunos e eficazes. (BRASIL, 2019)

O Subsistema Meteorologia obtém dados relativos às condições atmosféricas para aumentar a precisão dos fogos. (BRASIL, 2019)

O Subsistema Comunicações compartilha o fluxo de informações entre os subsistemas de Artilharia de Campanha e com os elementos externos. (BRASIL, 2019)

O Subsistema Logística atende às necessidades logísticas do Sistema Artilharia de Campanha, o que proporciona condições para que seja mantida a continuidade do apoio de fogo. (BRASIL, 2019)

Subsistema Direção de Tiro e Coordenação de Fogos realiza o planejamento, o preparo e o desencadeamento preciso e seguro do tiro, proporcionando a letalidade desejada sobre os alvos. (BRASIL, 2019)

O Oficial da Arma de Artilharia é formado para desempenhar funções em todos esses subsistemas, realizando todas as tarefas e ações descritas abaixo.

TAREFAS E AÇÕES DA ARTILHARIA DE CAMPANHA COMUNS:

- a) apoiar pelo fogo as operações, no amplo espectro, em qualquer terreno e sob quaisquer condições de tempo e de visibilidade;
- b) participar de operações singulares, conjuntas ou combinadas;
- c) capacidade de atuar em todo território nacional;
- d) atuar como peça de manobra da GU, em Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO);
- e) participar de operações de Cooperação e Coordenação com Agências;
- f) participar de operações sobre a égide de organismos internacionais;
- g) emassar seus fogos sobre um ou mais alvos;
- h) concentrar unidades para proporcionar maior poder de fogo em partes importantes da frente;
- i) realizar tiros precisos sem ajustagem;
- j) realizar tiros sobre alvos desenfiaados;
- k) destruir alvos-ponto;
- l) executar tanto o tiro direto como o indireto;
- m) realizar a busca de alvos;
- n) proporcionar a iluminação do campo de batalha;
- o) realizar a saturação de área;
- p) ser empregada em operações de combate, em área edificada, particularmente, quando dotada de munição especial; e
- q) ter capacidade de atirar em 6400 milésimos. (BRASIL 2019)

O oficial de Artilharia formado na AMAN deve estar habilitado a ocupar os cargos e desempenhar as funções dos postos de primeiro e segundos tenentes e de capitães não aperfeiçoados, comandando frações e subunidades de Artilharia em operações militares, singulares, conjuntas e combinadas, no amplo espectro dos conflitos, em ambientes voláteis, incertos, complexos e ambíguos, além de realizar a gestão operacional, até o nível Bateria, nas situações de guerra e não guerra. (BRASIL, XXXX portaria de criação nr)

As atitudes necessárias os oficiais de Artilharia formados pela AMAN são: abnegação, adaptabilidade, autoconfiança, camaradagem, combatividade, cooperação, decisão, dedicação, disciplina, discricção, equilíbrio emocional, honestidade, iniciativa, organização, persistência, responsabilidade, rusticidade e sociabilidade. Ademais, capacidades cognitivas cobradas são: abstração, análise, atenção seletiva, avaliação, capacidades linguística em Inglês e Português (compensação auditiva, leitora e expressão oral e escrita), comparação, compreensão de padrões lógicos, criatividade, julgamento, planejamento, resoluções de problemas, raciocínio dedutivo e indutivo. Ainda, são requisitos para esses militares as seguintes capacidades físicas e motoras:

agilidade, coordenação motora, **equilíbrio dinâmico, estático e recuperado, flexibilidade corporal, força dinâmica, estática e explosiva**, resistência física aeróbica e anaeróbica, **resistência física muscular localizada e velocidade de locomoção**, além dos valores caros à essa Instituição como: civismo, patriotismo, fé na missão, espírito de corpo e coragem (bravura e intrepidez diante de riscos ou perigos). (BRASIL, XXXX portaria de criação nr, grifo nosso)

Nesse sentido de líder de fração e subunidade, o oficial de artilharia necessita possuir certas competências. Abaixo estão apresentadas algumas competências e suas definições, conforme constam no Manual de Campanha Liderança Militar (BRASIL, 2018):

PROFICIÊNCIA TÉCNICA E TÁTICA: os líderes, em todos os escalões, devem estar bem capacitados, pois os desafios que incidem sobre suas personalidades e habilitações profissionais aumentam consideravelmente ao longo da carreira. Para executar com êxito uma missão, o líder deve conhecer em detalhes a sua profissão, deve estar bem-informado, decidir, transmitir suas ordens e acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos (BRASIL, 2018).

APTIDÃO FÍSICA: a aptidão física de um militar é o somatório da boa saúde e de um adequado preparo atlético (BRASIL, 2018).

CORAGEM: competência para controlar o medo e continuar desempenhando com eficiência a missão. A coragem apresenta-se sob duas formas:

(1) Coragem física: superação do medo de dano físico no cumprimento do dever.

(2) Coragem moral: defesa dos próprios valores, princípios morais e convicções (BRASIL, 2018).

ADAPTABILIDADE: competência para se ajustar apropriadamente às mudanças de situação. A História já comprovou que nem sempre vence o mais forte, e, sim, o mais adaptável. A adaptabilidade é desejável tanto no plano das ideias e normas, como no plano do ambiente operacional. O líder deve ter agilidade na adaptação às situações de incerteza ou de mudanças, a fim de pensar e aplicar, em tempo hábil, soluções alternativas quando a decisão ou a ação adotada não está sendo eficaz (BRASIL, 2018).

DECISÃO: competência para posicionar-se diante de várias opções. É a habilidade para tomar medidas seguras e corretas no momento adequado. A percepção e a sensibilidade são elementos críticos para a tomada de decisões. Em algumas situações, nas quais o tempo é um fator crítico, o líder deve decidir com rapidez de raciocínio (BRASIL, 2018).

EQUILÍBRIO EMOCIONAL: competência para controlar as próprias reações, demonstrando paciência e tolerância, e tomando atitudes adequadas para decidir com acerto e oportunidade. É a habilidade para avaliar, com calma e isenção, o comportamento dos subordinados, não se deixando dominar pelas emoções. O líder deve evitar transmitir para o grupo as pressões que sofre dos superiores, da missão e do

ambiente, e continuar sendo capaz de desempenhar as suas atividades, apesar de estar sob pressão. O equilíbrio emocional é a expressão da inteligência emocional (BRASIL, 2018).

PERSISTÊNCIA: competência para executar uma tarefa e vencer as dificuldades encontradas até concluí-la. Depende de uma grande determinação e força de vontade. É a perseverança para alcançar um objetivo, mesmo quando os obstáculos são aparentemente insuperáveis. Os subordinados somente terão persistência se o líder mostrar, com o seu exemplo, como devem ser enfrentadas as dificuldades (BRASIL, 2018).

RESISTÊNCIA: competência para suportar as fadigas físicas ou os infortúnios morais. A resistência apresenta-se sob duas formas:

(1) Resistência física: capacidade de suportar fisicamente, pelo maior tempo possível, as condições adversas no exercício da função ou de uma determinada atividade.

2) Resistência moral ou psicológica: capacidade de suportar mentalmente, pelo maior tempo possível, as adversidades psicológicas no exercício da função ou de uma determinada atividade (BRASIL, 2018).

DIREÇÃO: competência para conduzir e coordenar pessoas, de modo a alcançar um objetivo. Consiste em assumir o controle, tornando conhecidas suas ideias, ajudando a definir os problemas e encaminhando o grupo para a ação correta, a fim de solucionar as dificuldades e cumprir a missão (BRASIL, 2018).

INICIATIVA: competência para agir face às situações inesperadas, sem depender de ordem ou decisão superior. É a habilidade para, rapidamente, mobilizar a si e ao grupo, no sentido de atingir as metas estabelecidas, sem aguardar deliberação ou determinação dos superiores (BRASIL, 2018).

4 A PRESENÇA FEMININA NAS FORÇAS ARMADAS

4.1 A PRESENÇA FEMININA NAS FORÇAS ARMADAS ESTRANGEIRAS

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), no ano de 2015, produziu um Resumo dos Relatórios Nacionais dos seus países membros e de parceiros da OTAN, para o Comitê de Perspectivas de Gênero, condensando dados importantes para esse estudo (OTAN, 2015, tradução nossa):

A média da participação das mulheres nas Forças Armadas dos membros e parceiros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), até o ano de 1999, era de 7,1%. No ano de 2015, essa média subiu para 10,8%. Dessa forma, observa-se um aumento de 3,7% na participação feminina, caracterizando uma mudança no comportamento das Forças Armadas desses países (OTAN, 2015, tradução nossa).

O percentual de 49% das mulheres que estão no serviço ativo, nos países membros e parceiros da OTAN, estão lotadas no Exército, enquanto 18% compõem a Força Aérea, 12% na Marinha e 21% em outras áreas, o que inclui instrutores, engenheiros, apoio operacional, controle aéreo, apoio aéreo, polícia militar, mísseis e artilharia antiaérea, corpo químico, atletas, entre outras, dependendo de cada país. Com isso, verifica-se que a representatividade feminina, nas Forças Armadas dos participantes da OTAN, se faz mais percebida no Exército (MARIOTONI, 2021).

A seguir serão apresentadas as mais relevantes áreas de emprego do segmento feminino nos países da OTAN em 2015. Destaque-se que a maior parte delas (somando mais de 50%) estavam nas áreas de logística, serviço médico e outras, funções não relacionadas diretamente com a linha de frente do campo de batalha (MARIOTONI, 2021).

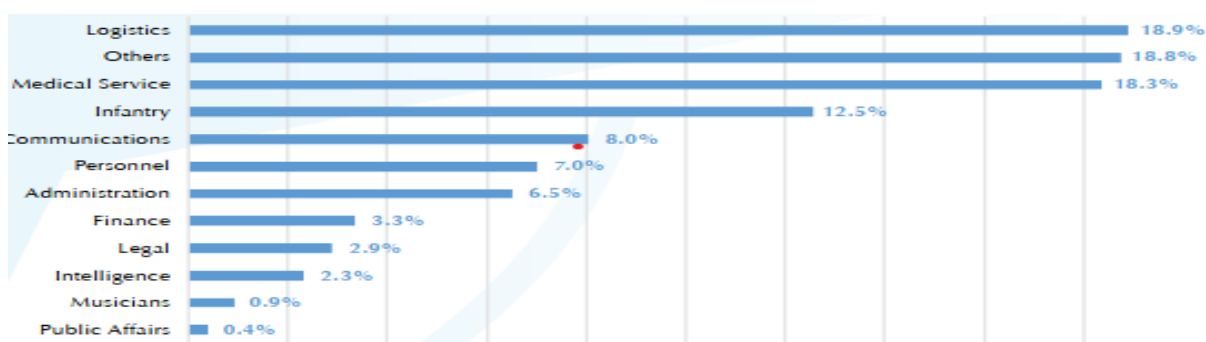


GRAFICO 1: Principais áreas de emprego das mulheres nas Forças Armadas dos países membros da OTAN.

Fonte: OTAN (2015)

Na Argentina, as mulheres puderam ingressar no Exército a partir de 1997. Já em 2012, a Marinha argentina foi pioneira na América do Sul a permitir a inserção de mulheres submarinistas, assunto amplamente controverso até para países mais avançados na inserção feminina nas Forças Armadas. (SANTOS, 2017)

Com a Resolução Nº 1143/11, o Chefe do Estado-Maior Geral do Exército argentino, de 2011, eliminou toda restrição de sexo, autorizando o ingresso da mulher em todas as armas, especialidades e serviços que constituem a estrutura dos escalões da Força (GIL, 2017). Em 2016, 41% dos cadetes da Escola de Suboficiais da Marinha argentina eram mulheres (DONADIO, 2016).

O Chile admite mulheres na artilharia, telecomunicações e engenharia e os serviços de material bélico e intendência desde 1997, porém só em 2016, elas podem escolher as armas de combate (infantaria e cavalaria). Além disso, as Forças Armadas chilenas permitem uma modalidade de serviço militar voluntário para as mulheres que dura entre 12 e 22 meses, obtendo em 2016, o maior aquartelamento de conscritas até então com 1520 mulheres por todo o país. (SANTOS, 2017)

Em El Salvador, a Escola Militar *Capitán General Gerardo Barrios* forma as mulheres em quatro anos. (GIL 2017)

Na Escola Militar do Uruguai, a opção pela especialidade de artilharia, na formação do oficial, segue os mesmos critérios, tanto para o sexo feminino como para o sexo masculino. As principais diferenças de tratamento entre os sexos estão no Teste de Aptidão Física, os quais têm índices reduzidos para as mulheres (GIL, 2017).

Segundo SANTOS 2017:

Ademais, as restrições criam uma setorização quanto à presença das mulheres dentro das Forças. A exclusão das áreas de combate, principalmente infantaria, cavalaria e artilharia acaba concentrando a atuação das mulheres em áreas como intendência, engenharia, além da área da saúde, posições tradicionalmente percebidas como adequadas para mulheres. As proibições relacionadas a posições de combate são baseadas nas percepções do papel social da mulher

como não combatente e estão diretamente relacionadas a limitações na ascensão da carreira.

Ainda segundo o mesmo autor, Argentina e Uruguai são os únicos países do Cone Sul que possuem o modelo de serviço voluntário nas Forças Armadas, contendo o maior percentual de mulheres em seu contingente total e com acesso irrestrito. Chile, Brasil e Paraguai possuem restrições às mulheres nas posições combatentes como a arma de artilharia. Apesar disso, os percentuais de todas as Forças Armadas do Cone Sul (Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina e Chile) aumentaram significativamente de 2010 para 2016. Apesar disso, a presença delas em todos esses países é estritamente voluntária, mesmo nos países que o serviço militar é obrigatório para homens. (SANTOS, 2017)

Moçambique, Nigéria, Venezuela e outros 28 países membros da OTAN, incluindo Alemanha, EUA, França, Inglaterra dentre outros aceitam as mulheres nas armas combatentes, já Equador, Guatemala, Guiana, México, Peru e Suriname não aceitam. (ALMEIDA, 2015)

Tomando por base os Estados Unidos da América (EUA), desde 2016, as cadetes de West Point passaram a integrar as armas de artilharia (GIL, 2017).

Segundo GIL (2017) em sua pesquisa “O sexo feminino na linha combatente”, a participação das mulheres nas Forças Armadas de países da OTAN e seus parceiros está assim demonstrada:

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: O Exército americano passa por uma transformação nessa visão do papel da mulher integrada às diferentes frações, sem quaisquer restrições. Desde 2016, elas passaram a integrar as armas de infantaria e cavalaria, as quais eram as únicas que ainda restringiam o acesso feminino (GIL, 2017)

FRANÇA: Em 1983, ingressou as duas primeiras mulheres na Academia Militar Francesa (Escola Especial Militar de Saint Cyr). Posteriormente, foi dada autorização às cadetes de escolherem as armas combatentes, sendo 3,5% para as armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações. Em 1985, foi autorizado às mulheres o ingresso em todas as armas, todas as escolas e recrutamento para o serviço militar em condições de igualdade com os homens (GIL, 2017)

REINO UNIDO: Entre os anos de 2002 e 2010, foram realizados estudos para a exclusão das mulheres de funções do combate aproximado. Nesse sentido, em 2016, as mulheres passaram a integrar os Regimentos do Corpo Armado Real, com exceção para os de infantaria. Contudo, em 2018, o Ministro de Defesa Gavin Williamson anunciou a possibilidade das mulheres de também ingressarem na infantaria, retirando qualquer restrição ao segmento feminino (GIL, 2017)

ESPANHA: A partir de 1992, o plano de carreiras para as Forças Armadas é o mesmo para ambos os sexos, não havendo diferenciação entre posto ou graduação, arma ou especialidade, função administrativa ou operacional que somente possa ser ocupada por um desses segmentos (GIL, 2017)

PORTUGAL: A partir de 1992, a Academia Militar passou a aceitar as mulheres em todas as armas e serviços. Para isso, adaptou suas infraestruturas, modificou leis e regulamentos de modo a serem coerentes com a entrada das mulheres, buscando a profissionalização em tempos de paz (GIL, 2017)

POLÔNIA: Após sua adesão à OTAN, em 1999, as escolas militares passaram a admitir mulheres em condições igualitárias aos homens, no que diz respeito ao exame teórico, exame de conhecimento do idioma estrangeiro e a entrevista. Já quanto ao exame de aptidão física, possuía índices diferenciados entre os sexos (GIL, 2017)

Além dos países citados acima, há outros países que utilizam o sexo feminino na linha de frente. Um ótimo exemplo é Israel que, a partir de 1995, iniciou-se a inserção feminina aos elementos de combate, como uma unidade de infantaria leve, Batalhão Caracal, composta por cerca de 70% (setenta por cento) do seu efetivo de mulheres (GIL, 2017).

Um dos principais Exércitos que pode ser usado como exemplo para o mundo em termos de participação das mulheres nas Forças Armadas é o de Israel. As Forças Armadas israelenses são reconhecidas mundialmente por suas históricas vitórias em combate, desde o tempo de sua criação, após a Segunda Guerra Mundial (1948). Nos dias atuais, quase 90% das funções e cargos do Exército Israelense são acessíveis tanto para o sexo masculino como para o

feminino. Atualmente, apenas as unidades de Forças Especiais e as unidades de combate ligadas à força de manobra não podem ser compostas por mulheres. Em 2017, a porcentagem de militares do sexo feminino na ativa quando comparada ao sexo masculino é de cerca de 33% (PRESS, 2017)

Nesse mesmo ano, incorporaram nas Forças Armadas de Israel, cerca de 2,7 mil mulheres, pois o alistamento é obrigatório para homens e mulheres. Entretanto, o tempo de serviço para as mulheres é de apenas 2 anos, tendo os homens que cumprir 8 meses a mais que elas. (PRESS, 2017)

Destaca-se que em 2017, cerca de 2,7 mil mulheres incorporaram as Forças Armadas de Israel. Nesse país, o alistamento para todos os cidadãos, independentes de serem homens ou mulheres, é obrigatório. Entretanto, o tempo de serviço é distinto, sendo dois anos e oito meses para homens e somente dois anos para mulheres. Atualmente, uma mulher compõe o alto comando, como Chefe do Departamento de Recursos Humanos do Exército Israelense (PRESS, 2017).

Segundo Dharmapuri (2011), a presença feminina nas organizações militares incrementa a eficácia operacional em pelo menos três setores: melhor captura de informação, maior credibilidade e melhor proteção da força. A autora afirma ainda que, quando as mulheres estão incluídas em operações táticas aumenta a possibilidade de se conquistar a confiança das populações em conflito. (DHARMAPURI 2011)

Nicolas (2015) afirma:

Segundo o relatório *Musculoskeletal Injuries in Military Women*, de 2011, a “combinação de anatomia e fisiologia parece predispor as mulheres a um risco mais elevado de fraturas de estresse pélvicas e lesões nos joelhos”. O relatório afirma que militares do sexo feminino são “cerca de 67% mais propensas que os militares do sexo masculino a serem afastadas por um distúrbio musculoesquelético” (NICOLAS, 2015).

A fim de mitigar esses problemas médicos, Eden (2015) descreve que no livro *Women in the Military: Flirting with Disaster*, de 1998, o autor cita que 61% das cadetes de *West Point* foram reprovadas no teste completo de avaliação

física, sendo então criados padrões diferentes para as mulheres. (MARIOTONI, 2021)

Uma argumentação que embasa uma diferenciação desses padrões nos testes de aptidão físicos é a questão morfológica, segundo a afirmativa de FLECK e KRAEMER (2006):

(...) relativamente à força muscular total máxima, em geral, a da mulher média corresponde a 63,5% da força do homem médio, e a força isométrica da parte superior e inferior do corpo das mulheres é, em média, de 55,8% e 71,9%, respectivamente, menor, comparada com a força máxima dos homens (FLECK; KRAEMER, 2006)

Outro forte argumento para essa distinção nos testes é a alteração hormonal em mulheres atletas, segundo PARDINI (2001):

As diferentes respostas neuromusculares, metabólicas e morfológicas entre homens e mulheres refletem a ação de hormônios característicos. Os homens sofrem ação da testosterona, enquanto as mulheres, a do estrogênio. A ação dessas duas substâncias influencia diretamente na composição celular. A testosterona produz aumento na deposição de proteína nos músculos, ossos, pele e em outras partes de seu corpo. Já o estrogênio é capaz de aumentar a deposição de gordura nas mamas, nos quadris e no tecido subcutâneo, o que explica a maior quantidade de gordura no sexo feminino (PARDINI, 2001)

4.2 A PRESENÇA FEMININA NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS

Na Força Aérea, as mulheres tiveram acesso à Academia da Força Aérea (AFA) em 1996, como as primeiras Cadetes de Intendência, após terem sido aprovados em concurso público nível ensino médio no âmbito nacional. Essas mulheres se formaram em dezembro de 1999 em Pirassununga - SP, e em agosto de 2017, atingiram o posto de Tenente-Coronel. Elas, ainda, poderão chegar até o posto de Major-Brigadeiro, maior patente deste quadro. (BRASIL 2020).

Já no nível técnico, as primeiras mulheres incorporaram a Escola de Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAR), em 1998 e poderão ser

promovidas ao posto de Coronel, dependendo da especialidade escolhida. (BRASIL 2020).

No caso da linha combatente, as primeiras mulheres à ingressarem na AFA, foram as Cadetes Aviadoras, aprovadas no concurso para essa escola em 2002, que ocupam, atualmente, o posto de Major. Elas ocupam funções como pilotos de todas as Aviações (Transporte, Caça ou Helicóptero) da Força Aérea Brasileira (FAB) e podem alcançar o posto de Tenente-Brigadeiro, o mais alto na hierarquia da Aeronáutica. (BRASIL 2020).

Apenas em 2017, a Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), em Barbacena (MG), começou a aceitar o sexo feminino em seu Curso Preparatório de Cadetes do Ar (CPCAR), curso de ensino médio de três anos que prepara seus concludentes para serem promovidos à Cadetes da Academia da Força Aérea em Pirassununga (SP). (BRASIL 2020).

Ainda, a partir de 2017, a Marinha do Brasil permitiu às mulheres o acesso aos Corpos da Armada e dos Fuzileiros Navais que até então eram limitadas à apenas homens. Isso, se deve ao Projeto de Lei da Câmara (PLC 147/2017) solicitou o acesso feminino a todos os cargos oficiais da sua Força, admitindo-as em atividades de combate do Poder Naval. Diante da aprovação desse projeto, a Lei nº 13.541, de 18/12/2017 foi redigida e sancionada, tirando todas as restrições às mulheres nos cargos de Oficiais da Marinha do Brasil. (NEUMANN et PAGLIARI 2021)

Em 2023, após terem tido diversas adaptações em suas instalações, ocorreu o acesso das primeiras mulheres na Escola de Aprendizes-Marinheiros de Santa Catarina (EAMSC), o ingresso da primeira turma de alunas no Colégio Naval (escola de nível médio preparatório para a formação de oficiais na Escola Naval), em Angra do Reis – RJ, e a primeira vez que foi permitida, às mulheres, a realização do concurso público para Soldados dos Fuzileiros Navais. (BRASIL, 2023)

Atualmente, as mulheres são isentas do serviço militar obrigatório, por força do § 2º do Art. 143 da CF, mas a elas deveria ser garantido efetivamente o direito de, se quisessem, adentrar as Forças também como soldados voluntários. Como citado anteriormente, o Regulamento da Lei do Serviço Militar já traz a previsão de Serviço Militar voluntário para as mulheres, a ser regulamentado no âmbito de cada Força. (ALMEIDA, 2015)

Ainda, privar as mulheres voluntárias de adentrar as Forças nas mesmas condições que os homens é violar o princípio da igualdade frontalmente. O acesso, porém, deve ser irrestrito. A possibilidade de uma mulher ocupar qualquer função ou cargo militar lhe deve ser garantida. É uma medida de igualdade e de justiça. (ALMEIDA, 2015)

O Regulamento da Lei do Serviço Militar, em seu Art. 5º, §§ 2º e 3º, dispõe que “é permitida prestação do Serviço Militar pelas mulheres que forem voluntárias” e que “O Serviço Militar a que se refere o parágrafo anterior poderá ser adotado por cada Força Armada segundo seus critérios de conveniência e oportunidade”. (ALMEIDA, 2015)

4.3 A PRESENÇA FEMININA COMO OFICIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO

O Exército Brasileiro (EB), para atender as suas necessidades ao longo da história, incorporou as mulheres para as atividades de saúde e da administração (NETO, 2013). Em 1990, foi criado o Quadro Complementar de Oficiais (QCO) que era composto por homens e mulheres com o objetivo de suprir as necessidades da Instituição.

Em 1992, a Escola de Administração do Exército (Salvador - BA) matriculou a primeira turma de 49 mulheres, mediante a realização de concurso público e, em 1996, instituiu o Serviço Militar Feminino Voluntário para Médicas, Dentistas, Farmacêuticas, Veterinárias e Enfermeiras de nível superior (MFDV). Naquela oportunidade, incorporou a primeira turma de 290 mulheres voluntárias para prestarem o serviço militar na área de saúde. (MARIOTONI, 2021).

Em 1997, foi o Instituto Militar de Engenharia (IME) que matricular a primeira turma de 10 alunas, a serem incluídas no Quadro de Engenheiros Militares (QEM). Ainda em 1997, a Escola de Saúde do Exército (EsSEx) matriculou e formou a primeira turma de médicas, dentistas, farmacêuticas, veterinárias e enfermeiras de nível superior, no Quadro de Saúde do Exército. (BRASIL, 2021).

No ano de 1998, o Exército instituiu o Estágio de Serviço Técnico (EST), para profissionais de nível superior que não sejam da área de saúde. Naquela oportunidade, incorporou a primeira turma de 519 mulheres advogadas,

administradoras de empresas, contadoras, professoras, analistas de sistemas, engenheiras, arquitetas, jornalistas, entre outras áreas de ciências humanas e exatas, atendendo às necessidades de Oficial Técnico Temporário (OTT) da Força Terrestre (ZELLMER, 2020)

O Exército, em 2015, possuía 3.737 oficiais do sexo feminino de um efetivo total, aproximado, de 23.000 oficiais, tendo uma participação feminina de aproximadamente 16% dos oficiais (ALMEIDA, 2015).

Nesse mesmo ano, foi a primeira vez que uma Oficial do EB comandou uma Organização Militar. A Major Carla Clausi assumiu a direção do Hospital de Guarnição de João Pessoa. (G1 2015)

4.4 A MULHER NO CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DA LINHA DE ENSINO MILITAR BÉLICO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Em 2012, o Exército Brasileiro criou o Projeto de Inserção do Sexo Feminino na Linha de Ensino Militar Bélico (PISFLEMB), o qual visava implementar as medidas necessárias para adequar os Estb Ens para receber e formar o sexo feminino, nas mesmas condições já conferidas ao sexo masculino, no mais alto padrão de ensino (BRASIL, 2020).

Dessa maneira, foram realizadas medidas administrativas e modificações nas estruturas físicas das escolas de formação (AMAN, EsPCEEx), a fim de prover as melhores condições para que alunos e cadetes (mulheres) desenvolvessem postura operacional, física e moral imprescindíveis ao militar formado na linha de ensino militar bélico. (BRASIL, 2020).

Em 2017, quarenta jovens se apresentaram na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), em Campinas/SP, e, posteriormente em 2018, adentraram os portões da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), integrando, em 2019, o quadro de Material Bélico e o serviço de Intendência e se formando 26 Aspirante Oficial em 2021, que serão promovidas ao posto de primeiro tenente ao final desse ano (25 de dezembro de 2023).

Para Almeida, O Exército Brasileiro não deve limitar o acesso às mulheres as armas combatentes como artilharia pois já permite a realização de dois de seus cursos combatentes mais tradicionais e difíceis - Curso Básico Paraquedista (desde 2006) e o Curso de Operações na Selva (a partir de 2010)

por oficiais e sargentos da área de saúde, que não possuem o preparo físico e psicológico que as Cadetes formadas na AMAN tem e se superaram e venceram esses desafios, devendo-se focar no desempenho em detrimento do sexo para a entrada delas nas armas combatentes. (ALMEIDA, 2015)

O autor ainda afirma, que o acesso às mulheres em alguma área das Forças Armadas poderá ser considerado ilegal e inconstitucional segundo o princípio da isonomia do Art 5º da CF/88 como no Recurso Especial n. 528684 quando a Segunda Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) deu ganho de causa a uma mulher que não pode se inscrever no concurso público para acesso à carreira de Oficial da Polícia Militar do Estado do Mato Grosso do Sul por determinação prevista em seu edital, necessitando o prosseguimento do processo de inserção das mulheres na parte combatente das nossas Forças Armadas. (ALMEIDA, 2015)

Segundo MARIOTONI (2021), tanto na AMAN, quanto na outra linha de ensino militar do Exército Brasileiro, as mulheres apresentam rendimento inferior nos graus de Treinamento Físico Militar, mesmo tendo tabelas de equivalências distintas entre os sexos. Além disso, houve um consenso entre os instrutores, monitores e cadetes do sexo masculino e feminino de que os homens apresentam melhor resultado nos testes físicos e exercícios no terreno. Outro dado relevante é que 91% das cadetes da AMAN consideraram haver uma menor aceitação dos cadetes do sexo masculino em serem comandados por mulheres, o que foi corroborado por 45,4% dos cadetes homens.

5. O EMPREGO DA ARTILHARIA NA GUERRA RUSSO-UCRANIANA

Como uma diferença bastante significativa da doutrina russa para a doutrina brasileira, a descentralização de meios tanto de artilharia de médio calibre (152 mm AP) como de foguetes para o BTG, abreviatura de Grupo Tático de Batalhão. Isso, acaba por conferir, ao escalão batalhão, meios de apoio de fogo com maiores capacidades, como a realização de contrabateria em melhores condições, saturação de área e, principalmente, capacidade para atuar em maior profundidade. (SOUZA et GABRIEL 2022)

A composição do Grupo Tático de Batalhão (BTG) é um esquadrão de carros de combate, três companhias mecanizadas de infantaria, uma companhia anticarro, duas a três baterias de artilharia, uma bateria LMF e duas baterias de artilharia antiaérea (FOX; ROSSOW, 2017).

Comparando com a Brigade Combat Team (BCT) do Exército dos Estados Unidos da America, o poder de fogo do BTG é bem maior em todos os requisitos, como em proporção e alcance. (FOX; ROSSOW, 2017). No caso da doutrina de Artilharia de Campanha brasileira, a quantidade de subunidades de artilharia em apoio é mais de três vezes maior, pois possui a mesma quantidade de de frações de manobra e de artilharia de tubo e foguetes em sua composição, evidenciando a importancia da Função de Combate Fogos para o Exército da Rússia. Esse nível elevado de poder de fogos é mantido quando subimos o escalão na doutrina russa, como na Brigada que é composta por quatro batalhões de elementos de combate e quatro grupos de artilharia de campanha, além de outras unidades de apoio, sendo esses dois grupos de artilharia de obuseiros autopropulsado, somando 36 peças, um Grupo LMF, com 18 lançadoras, e um Grupo de Artilharia Anticarrros (o ultimo inexistente na doutrina brasileira). (MATOS, 2021)

Ambos os contendores utilizam o tiro direto, além do tiro indireto com Artilharia de tubo. Esse uso visa destruir as defesas anticarro em pontos fortes ucranianos e como armas anticarro contra os blindados russos. (KARBER, 2015)

O ataque, em Zelenopylya, evidenciou uma capacidade de engajamento muito ágil por meio da associação drone – artilharia, de uma forma para a qual os exércitos dos países ocidentais talvez não estivessem preparados. Ataques drone – artilharia sucederam-se durante todo o conflito até o momento. Entretanto, sem os mesmos resultados obtidos, em Zelenopylya, devido à

adaptação realizada pelas tropas ucranianas em suas TTP. (SOUZA et GABRIEL 2022)

Deve-se mencionar que as Forças Armadas da Federação Russa e, por consequência, a sua artilharia, costumam ter menos constrangimentos de ordem política e humanitária do que as Forças Armadas dos países ocidentais. Com isso, fica mais simples para os russos descentralizar meios de artilharia, incluindo meios de lançamento de foguetes aos escalões mais baixos do que o de uma brigada, abrindo mão de um controle mais direto por parte dos escalões superiores. É provável que não haja, por parte do exército russo, um sistema de planejamento e de coordenação de fogos centralizado, simplificando e agilizando o processo de desencadeamento de fogos terrestres no escalão BTG. (SOUZA et GABRIEL 2022).

Ao que parece, no nível tático operacional, a principal falha dos russos, na tentativa de tomada de Kyev, foi a falta de habilidade em conduzir operações combinadas, resultando em duas questões fundamentais para a artilharia. A primeira questão refere-se ao fato de que as colunas de blindados russos frequentemente operaram além do alcance do seu apoio de fogo orgânico e a segunda foi a de que muitas formações operaram além da capacidade de apoio dos seus escalões superiores, conduzindo a uma superextensão e um consequente isolamento (WIE; GILLIAM, 2022, p. 7).

A solução da artilharia ucraniana para essa situação foi a distribuição das peças pelo terreno, com a execução do cálculo de tiro na peça a partir do seu posicionamento e da localização do alvo por coordenadas geográficas. Isso somente foi possível devido ao acesso à internet disponibilizado pela rede de satélites da Starlink, que é livre da interferência da guerra cibernética ou da guerra eletrônica russa. Soma-se a isso o desenvolvimento pelos ucranianos de um software relativamente simples, o GIS Arta, permitindo que a artilharia ucraniana voltasse a causar baixas nas tropas russas (BRYEN, 2022).

Conforme Bryen (2022), as principais vantagens verificadas na utilização do GIS Arta foram:

- os sistemas de artilharia da Ucrânia eram baseados nos sistemas da antiga URSS e, portanto, estavam desatualizados. O processo de engajamento de alvos levava cerca de 20 minutos entre a identificação e a realização do tiro. Mesmo com obuseiros antigos, o uso do GIS Arta reduziu esse tempo para 30 a

45 segundos, assim ocorreu uma substancial melhoria na precisão dos fogos a longas distâncias;

- as posições das peças (obuseiros) não precisam mais ficar próximas umas das outras, podendo, agora, com o GIS Arta, posicionarem-se em distâncias maiores, dificultando assim a contrabateria da artilharia russa;

- o GIS Arta é, também, capaz de selecionar qual armamento de artilharia, seja de tubo ou de foguetes, está em condições de bater determinado alvo, com base na posição e nos alcances dos armamentos, e repassar as coordenadas automaticamente para qualquer armamento selecionado; e

- os elementos de guerra eletrônica e de guerra cibernética da Rússia ainda não conseguiram sucesso em interferir ou raquear os satélites da Starlink ou o GIS Arta.

De fato, o uso do GIS Arta permitiu que a artilharia ucraniana operasse no conceito de guerra centrada em rede, de uma forma que ainda não havia sido experimentada até o momento. GIS Arta parece ter se tornado uma solução mais simples e integradora do que as já desenvolvidas até o momento. (SOUZA et GABRIEL 2022).

A descentralização de meios de apoio de fogo para o BTG, incluindo foguetes, parece uma ideia interessante por permitir maior agilidade no processo de engajamento dos alvos. Houve um significativo ganho de desempenho para a artilharia russa nos combates, no Dombas, em 2014. Entretanto, cabe ressaltar que o exército russo sofre menos constrangimentos de ordem política, o que facilita tal descentralização e o processo decisório no nível BTG. No caso do Brasil, o ideal é uma rede de satélites próprios que ofereça bandas de comunicações de dados eficiente. (SOUZA et GABRIEL 2022).

6. CONCLUSÃO

O objetivo do presente TCC consiste em apresentar uma investigação sobre a viabilidade de inserção do sexo feminino, como Oficiais da Arma de Artilharia, no Exército Brasileiro. Nesse contexto, buscou-se a abordagem da estrutura da arma de Artilharia brasileira, a participação de mulheres nas Artilharias de Exércitos de outros países e o atual emprego da Artilharia na guerra entre Rússia e Ucrânia.

No cenário internacional, as mulheres já compoem as Unidades de Artilharia em diversos Exército do mundo, como EUA, França, Espanha, Portugal, Polônia Reino Unido, Argentina, Uruguai entre outros apesar da grande maioria desses Exércitos não entrarem em combate à muitos anos. Na maioria desses países, com exceção de Israel, país com baixíssimos efetivos populacionais e cercado de adversários, o sexo feminino integra as Unidades de Artilharia nas mesmas condições dos homens, sendo a única diferença a questão dos índices físicos no exames de aptidão física, que são menores para as mulheres em comparação com os dos homens, tendo em vista suas diferenças morfológicas.

Essas diferenças morfológicas, como níveis de testosterona, capacidade muscular, maior chance de lesão por parte das mulheres, entre outras, podem dificultar e muito a atuação do sexo feminino em combate, tendo em vista que as exigências em combate são as mesmas para ambos os sexos. Destaca-se como essas exigências, as condições impostas pelo: terreno, clima, temperatura, obstáculos, inimigo, equipamento, peso do armamento e da munição.

Com base nesses dados, acredita-se que os parâmetros para incluir as mulheres na arma de Artilharia como oficiais devem estar pautados pela capacidade e competência de cada militar, conforme sua missão.

Nesse contexto, o presente trabalho apresentou a necessidade de um oficial de artilharia possuir algumas competências que são inerentes ao líder, alguns exemplos são: proficiência técnica e tática, aptidão física, equilíbrio emocional, resistência, direção e persistência. Essas competências possuem relação direta com a eficácia dos Grupos de Artilharia de Campanha, pois, são fundamentais para a condução de seus comandantes, em especial, das pequenas frações, como comandantes da linha de fogo, oficial de

reconhecimento entre outras, que cumprem missões descentralizadas em diversas condições ambientais, como mudança severas de temperatura, climas rigorosos, grande quantidade de peso em munição e armamento, além da atual grande proximidade com o inimigo como visto na guerra Russo-ucraniana onde os obuseiros da artilharia foram densamente usadas em diretos direto.

Nesse sentido, as mulheres apresentam piores resultados quando comparados com os cadetes do sexo masculino da Academia Militar das Agulhas Negras, segundo as respostas das pesquisas feitas por MARIOTONI em 2021. Nesse mesmo estudo, ficou comprovada que os alunos do sexo feminino tem menor capacidade física, tanto na capacidade cardiopulmonar (corrida) quanto na capacidades neuromusculares (como exercício na barra fixa ou flexão de braços), menor que os alunos homens entre os anos de 2018, 2019 e 2020, mesmo tendo uma tabela de equivalencia nas notas de homens e mulheres.

Além disso, o trabalho de MARIOTONI (2021) retrada que houve um consenso entre os cadetes homens e mulheres quanto ao pior resultado do sexo feminino em exercicios no terreno e no treinamento físico militar. Esse resultado corrobora com os dados já apresentados acima, e que tem realação direta com as funções e os cargos ocupados por um oficial de Artilharia realiza tanto em tempo de paz quanto em situações de guerra.

Em síntese, dos aspectos analisados acima, conclui-se que a inserção das mulheres, como oficiais da arma de artilharia, conforme os atuais criterios de escolha de arma, quadro ou serviço na AMAN, geraria consequencias negativas para a eficácia dos Grupo de Artilharia de Campanha do Exército Brasileiro, prejudicando sobremaneira seu cumprimento de missão.

Pode-se comprovar a perda dessa eficacia pelo desfalque de seus líderes de fração pelo elevado numero de lesão que as mulheres estariam mais propensas (67%), diminuindo dessa forma a higidez desses Grupos.

Outra provavel consequencia para a diminuição dessa eficacia seria a menor capacitação física dos comandantes de bateria e de suas frações que fossem do sexo feminino. Isso, acarretaria em um menor rendimento no treinamento físico militar e nas atividades operacionais dessas equipes, podendo gerar indiretamente perda de liderança e confiança desses comandantes para suas tropas, o que causaria falhas no cumprimento das missões dos Grupos de Artilharia.

A aceitação de subordinação das tropas de artilharia, onde todos os soldados são homens, pode ser dificultada, assim como ocorre na AMAN, por essa menor de capacidade física que as oficiais mulheres já apresentam, conforme afirma MARIOTONI (2021).

Caso isso ocorresse, o Grupos de Artilharia de Campanha teriam seu cumprimento de missões severamente comprometido, tendo em vista essas unidades necessitar ser descentralizada como em operações táticas de grande movimento como Aproveitamento de Exito e Movimento Retrogrado, além de ter sido vista, no corpo desse trabalho, essa descentralização no exército russo nos embates recentes entre Rússia e Ucrânia.

Ainda, esse autor acredita que deve ser aguardada a consolidação do processo de inserção feminina na linha de ensino militar bélico no EB, pois as primeiras mulheres formadas na AMAN, serão promovidas ao posto de 1º Tenente em dezembro desse ano. A amostra é muito pequena ainda para servir de base para uma decisão estrutural como essa. Además, o Exército precisa contar com mais dados a respeito da participação dessas oficiais em situações de emprego real no Material Bélico, Comunicações e Intendência.

Finalmente, esse autor acredita que para a Força Terrestre brasileira definir a respeito da introdução da mulher, como oficial da arma de artilharia, não se deve considerar apenas o aspecto do gênero, mas sim, as competências, habilidades, capacidades e aptidões que um oficial de artilharia necessita possuir pois, em situações de combate real, as adversidades impostas pelo terreno e pelo inimigo são as mesmas, independentemente do sexo desse oficial.

Dessa maneira, o método de escolha para cada Arma na AMAN, deveria ser antecedido por um teste de aptidão física de caráter eliminatório, tanto para homens como mulheres, com parâmetros mínimos de exigência, em pistas de transposição de obstáculos, carregamento de peso simulando munições, feridos, entre outros materiais militares.

Ademais, outros requisitos seriam um mínimo nas notas de determinadas disciplinas na formação, como calculo, física, química e outras elencadas fundamentais para os oficiais dessa arma. Uma vez que fosse atingido esses padrões mínimos exigidos, o militar poderia ingressar na Artilharia, pois assim, estaria apto a cumprir suas missões, sem prejudicar a eficácia de suas Organizações Militares. Esses requisitos poderiam ser utilizados, como

determinadas adaptações, para acesso do segmento feminino em outras armas que elas não possuem acesso ainda, como infantaria e cavalaria.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vítor Hugo de Araújo. **Mulheres nas Forças Armadas Brasileiras: situação atual e perspectivas futuras**. Câmara dos Deputados 2015.

BRASIL, Constituição Federal. Constituição Federal. **Presidência da República**, v. 1, 1988.

BRASIL. Força Aérea Brasileira. **Site oficial**. Disponível em: <Presença feminina na Força Aérea Brasileira - Força Aérea Brasileira (fab.mil.br)>. Acesso em: 27 de setembro de 2023.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Concepção de preparo e emprego da força terrestre**. Manual EB70-D-10.002. 2.ed. Brasília, DF: COTER, 2019d.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. EB70-MC-10.223. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2017a.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Ofensivas e Defensivas**. EB70-MC-10.202. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017b.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Doutrina Militar Terrestre**. EB20-MF-10.102. 2. ed. Brasília, DF: EME, 2019a.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **O Exército Brasileiro**. EB20-MF-10.101. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2014b.

BRASIL. **Lei Complementar nº 97**, de 09 de junho de 1999, à Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1999. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. MD35-G-01. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2007.

BRASIL. Marinha do Brasil. **Site oficial** Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/agenciadenoticias/de-marinheira-almirante-presenca-da-mulher-na-marinha>>. Acesso em 22 de setembro de 2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Livro Branco de Defesa Nacional**. Brasília: Ministério da Defesa, 2016. Versão sob apreciação do Congresso Nacional. Brasília, 2016a. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/estado-e-defesa/livro-branco-de-defesa-nacional> Acesso em: 29 abr. 2022.

CONFERÊNCIAS MUNDIAIS DAS MULHERES. **ONU Mulheres**, 2021. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/>>. Acesso em: 21 de março de 2021.

FOX, Amos C.; ROSSOW, Andrew J. **Making Sense of Russian Hybrid Warfare: A Brief Assessment of the Russo-Ukrainian War.** The Institute of Land Warfare, Association of the United States Army, 2017.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 5ª ed, 2010.

KARBER, Phillip A. **Lessons Learned from the Russo-Ukrainian War. Personal Observations.** The Potomac Foundation, 2015.

NEUMANN, Isabella et PAGLIARI, Graciela de Conti. **A mulher militar no Brasil no século XXI: uma análise com base nos sete indicadores propostos por Helena Carreiras.** 2021.

SANTOS, Gabriela Freitas dos. **A inserção das mulheres nas Forças Armadas do Cone Sul.** 2017